

Os abutres

e a carne fresca

Porque ele não tinha a menor ideia do que fazia em mais da metade do tempo, e achava que não tinha nada a perder, ele – somente ele – foi lá e fez – mas a Márcia, o Renato e a Paula não guardaram segredo, e agora o Cenora teria muito a perder; porque na Educação Física ninguém jamais queria ele no time – quando te escolhem primeiro você é o vencedor, e o último é



o último, e ninguém o escolheu; porque a diretora queria falar-lhe depois da aula, e a professora o tratava de maneira diferente, disse que ele não precisava jogar e podia ficar olhando do banco. Como se ele fosse o próprio Renton, destinado a um fim triste e esquecido. Como em Kids, quando os esquetistas ficam com as garotas bonitas e felizes. Quando ele falou para a Márcia, o Renato e a Paula que tinha conseguido a maconha, todos acharam legal, mas ninguém sabia o que fazer com aquele montinho de mato prensado. Porque tudo o que eles sabiam sobre maconha tinham visto nos programas da History e da Discovery. Era só enrolar, fumar, esperar o mundo começar a mudar de cor e a polícia chegar. Atrás da quadra, na hora da saída, enquanto estiver todo mundo lá no portão. Como a Márcia tinha asma e o Renato e a Paula estavam com medo, só o Cenora fumou. E agora ele era o garoto estranho drogado da oitava série, pronto para pegar uma arma e sair atirando para todos os lados, porque ninguém gostava dele

e um monte de gente o chamava de lorpa. E a velocidade da informação + o Facebook + a falta do que fazer de quem não faz nada tinham colocado ele no topo dos trending topics da escola. Porque para ele tinha sido legal, e ele era o maior de todos, e não falava nem que sim nem que não, só dava uma risadinha enigmática; porque o Cenora não tinha a menor ideia do que tudo aquilo significava, sentia-se um astro. Como em Hollywood, quando os artistas percorrem o tapete vermelho e todo mundo quer tirar fotos e fazer perguntas e estar ali com eles. Mas agora ninguém queria

saber como tinha sido, nem se ele tinha mais, nem se ele ia atrás da quadra todo dia, por causa do que disseram a Márcia, o Renato e a Paula – que ele tinha dado um trago e tossido tanto que caiu rindo, e os três foram embora assustados e não fumaram. E o Cenora jogou o que sobrou fora porque pensou que já estava muito louco, e o jardineiro achou aquela coisa e levou para a conselheira que descobriu tudo. E agora ele não jogava bola, ficava sentando num canto esperando alguém dizer qual era o próximo passo. Porque ele não tinha a menor ideia do que estava acontecendo, e estava gostando de ver todo mundo cochichando





e o olhando, não dizia nada, apenas sorria. Quando ele entrou na sala da diretora, a professora também estava lá, e a conselheira, e o seu pai e a sua mãe, sentados com cara de que o fim do mundo era só questão de mais uns tragos, e o Cenora pensava em como fora difícil quebrar aquele mato, e que as folhas de caderno não quiseram grudar uma na outra, e que a folha começara a pegar fogo, e ele sentira a mão queimando, e engolira aquela fumaça, e tossira tanto a ponto de perder o ar, ficar tonto e cair. Porque tudo era uma questão de ver o mundo com a mente aberta. Como o Russell Hammond em Quase Famosos ou as músicas do Planet Hemp. Porque a diretora disse que a maconha é só o começo, e que se eles perdessem o controle agora perderiam para sempre. E a mãe dele começou a chorar, e o pai balançava a cabeça, e a conselheira queria saber se ele tinha conseguido aquilo dentro da escola. E o Cenora não estava mais no tapete vermelho, não sabia o que dizer, e começou a chorar e correu para abraçar a mãe dele, que chorava também, e agora o pai dele chorava, e a conselheira e a diretora colocavam a mão no rosto

e olhavam com compreensão. Porque Christiane F. não é só um filme barato de trinta anos atrás, é a verdade, é o que acontece, e a mãe dele via acontecer todo dia no programa da Márcia Goldsmith, e o pai dele tinha um primo que estava preso que tinha começado igualzinho. Como todos aqueles roqueiros drogados que morreram com 27 anos porque fumaram um baseado na escola. E tudo porque ninguém fez nada no começo, e eles fariam. Porque o Cenora precisava entender o quanto aquilo era horrível e o quão perto ele estava do abismo. Porque a Márcia, o Renato e a Paula tinham sido amigos dele contando tudo para a diretora. Porque todo mundo só queria o bem dele. Porque ele tinha uma vida inteira pela frente. Porque ele era inteligente, legal e bonito. E por causa disso ele só tomaria uma suspensão, e teria que ir à psicóloga, e não poderia mais jogar vídeo game nem sair do eixo escola-casa /casa-escola, ou ir para a Disney nas férias, ou ao clube no final de semana, e teria que dar a senha do Facebook para o seu pai, dormir cedo, levar o cachorro para passear e limpar o quarto o resto do ano.

